

## SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>REFERENCIAL TEORICO.....</b>	<b>7</b>
1. Teoria da Base de Exportação.....	7
2. Agricultura e tecnologia.....	12
3. Agricultura e crescimento econômico.....	14
4. Produção do café e desenvolvimento.....	15
5. A cafeicultura e os impactos econômicos.....	17
<b>DELINEAMENTO DA PESQUISA.....</b>	<b>18</b>
População e Amostra.....	18
Coleta de Dados.....	19
<b>RESULTADOS.....</b>	<b>20</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b>	
<b>APÊNDICE</b>	

## RESUMO

A agricultura, por muito tempo foi sub-valorizada por políticos e governantes, em que a consideravam como mero instrumento de abastecimento dos centros urbanos, não dando a devida atenção para um dos setores que mais ajudaram o país a crescer economicamente, a partir da década de 60 que essa visão mudou, tendo maior incentivo por parte dos governos, federal, estadual e municipal. Entre os produtos que mais cresceram ao longo dos anos com os incentivos e investimentos do governo, dando aporte não só aos grandes produtores, como também aos pequenos produtores foi o café. O café é um dos produtos agrícolas de maior comercialização no mundo. Esta pesquisa analisa e comenta os aspectos relacionados à cafeicultura e o desenvolvimento econômico de Barra do Choça, cidade do sudoeste baiano. Os benefícios que surgiriam com a implementação da lavoura cafeeira para o crescimento do setor agrícola, que cresce a cada ano, devido à exportação do produto, que eleva ainda mais a produção na região, gerando emprego e renda para população. Para conseguir as informações para o desenvolvimento do trabalho, foi adotada uma metodologia com base no método de Estudo de Caso, a investigação ora apresentada foi realizada no período de 10 de abril a 21 de maio de 2011, mediante aplicação de pesquisas exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa. Foram feitas entrevistas com o secretário municipal de agricultura de Barra do Choça e aplicados questionários para os produtores de café. Os resultados mostram que o café ainda é o principal produto do município, mas que outras culturas também se desenvolvem, como mandioca, banana, flores, que a economia da cidade cresceu substancialmente com a expansão da cafeicultura, fazendo com que o êxodo rural diminuísse, gerando emprego e renda, abrindo as portas para outros setores entrarem no mercado, impulsionando o desenvolvimento local. Desenvolvimento, que mesmo impulsionado pela expansão da cafeicultura, relata uma realidade muito diferente quando se trata de média salarial. Onde trabalhadores de café ganham menos até mesmo do que trabalhadores agropecuários em geral.

Palavras – Chaves: Agricultura. Café. Desenvolvimento econômico.

## INTRODUÇÃO

Até a primeira metade do século XX, a agricultura era vista por políticos e economistas como um setor de pouca contribuição para o crescimento econômico no país, sendo apenas mero fornecedor de produtos para os centros urbanos, dependente de estímulos econômicos dos mesmos. Com a adoção de uma política de investimentos voltada à indústria, deu-se início a um processo migratório, uma vez que várias famílias deixaram o campo para conseguir condições de vida e trabalho mais favoráveis.

O café sempre foi o destaque entre os produtos produzidos nos campos brasileiros. Desde o século XIX, deu início à produção em larga escala para vendas externas, logo, o Brasil passou a ser o primeiro produtor mundial. Antes desse período, a produção era pequena e destinada somente para consumo interno.

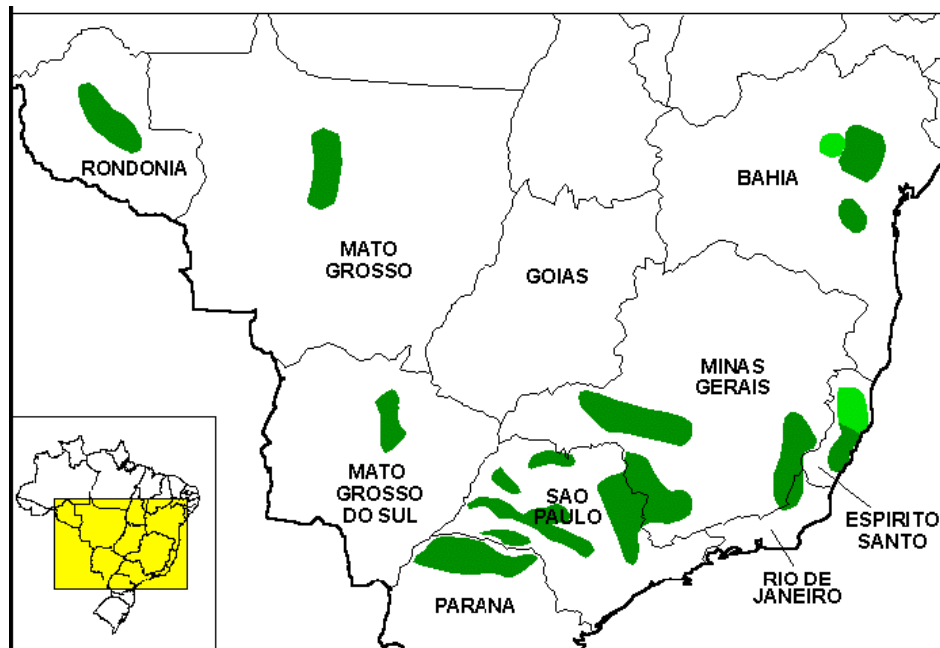
O Brasil ainda continua sendo o maior exportador de café entre os principais produtores como Índia e Colômbia, sua participação corresponde a aproximadamente 24% do mercado mundial. Em 2009 o Brasil teve o maior volume de exportações de café dos últimos quatro anos, com a venda de 30.308.863 sacas do produto. A Alemanha foi o maior comprador do café nacional, com a aquisição de 6 milhões de sacas. Os Estados Unidos vieram em segundo lugar, com 5,8 milhões de sacas, seguidos por Itália, com 2,5 milhões de sacas, e Japão, com 2,1 milhões de sacas. (CECAFÉ, 2010).

De acordo com previsões do Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), as exportações brasileiras de café em 2011 devem permanecer em torno dos 30 milhões de sacas, cerca de 13 a 14 milhões no primeiro semestre, e 16 a 17 milhões de sacas no segundo semestre. Já a receita deve variar em torno de US\$ 5 e US\$ 7 bilhões.

Alguns estados se destacam na produção do grão como é o caso de Minas Gerais, que é o maior produtor do país, tendo participado, só em 2002, com a metade da produção total do país. O segundo maior produtor, o Espírito Santo, naquele ano participou com 21% do café brasileiro. Os estados de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro

foram os maiores produtores até os anos setenta, mas têm perdido espaço para a produção em Minas em função das geadas freqüentes que ocorrem nessas regiões. (SEAGRI, 2010).

Figura 1 – Principais áreas de produção de café no Brasil



#### Legend

- Major Arabica coffee areas
- Major Robusta coffee areas

Fonte: USDA -2008

A Bahia é um dos estados que mais produz a *commoditie*\*, isso devido aos fatores já mencionados no texto acima, terras disponíveis, mão-de-obra, clima e solo fértil, características que dão totais condições para a implantação da cafeicultura. A implantação da atividade no estado nordestino se deu nos anos de 1970, também por decorrência de fatores que vinha afetando as plantações dos estados do sul do país como constantes geadas, diminuição da produtividade dos cafezais devido à idade avançada, persistência da ferrugem, supervalorização das terras aptas para o cultivo.

Através das políticas implantadas pelo governo na época para o crescimento da plantação de café, como o Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais (PRRC), que proporcionou apoio e assistência técnica e crédito para os produtores. A lavoura cafeeira na Bahia atingiu 120 mil hectares em 1989, ocupando áreas da região do planalto, abrangendo seis sub-regiões: Vitória da Conquista, Jequié, Santa Inês, Barra da Estiva, Seabra e Morro do Chapéu.

O café contribuiu no crescimento das exportações baianas, gerando uma receita de cerca de US\$ 84 milhões, em 2005. Além disso, a cafeicultura está presente em 168 municípios baianos, localizados em 18 territórios de identidade ou regiões, sendo os mais importantes: o Território da Chapada Diamantina, o Território da Região de Vitória da Conquista, o Território do Extremo Sul Baiano, o Território do Vale do Jequiriçá e o Território do Oeste Baiano, sendo que a região Extremo Sul produz café da espécie *Coffea canephora* Pierre, conhecido como robusta ou conillon (SEAGRI / SUAF; 2007)

Uma das cidades beneficiadas pelo plano foi Barra do Choça, cidade localizada no sudoeste baiano, que ao longo dos anos teve a cultura do café como a principal atividade econômica, hoje cresce a passos largos através de uma cadeia produtiva que abrange outras atividades como comércio e indústria.

Com a implantação da lavoura cafeeira em Barra do Choça, em 1973, o município atingiu um considerável crescimento, graças à ampla soma de recursos lá investidos. Um aspecto, no entanto, não correspondia na mesma proporção à geração de riquezas: os indicadores sociais. É que a lavoura cafeeira, embora empregue muita mão-de-obra durante o período de colheita, não apresentava o mesmo retorno econômico para as famílias dos trabalhadores. Assim, o grau de pobreza e de dificuldades econômicas de parte da população local se agravava à medida que as crises da cafeicultura se sucediam. Mas, mudanças se sucederam e já se vê uma grande melhoria em Barra.

Esta pesquisa procura comentar o crescimento econômico através da produção e exportação do café de Barra do Choça, que na última década, os gestores criaram projetos e foram feitos investimentos no plantio e colheita da *commodity*, que direta e indiretamente impulsionou o comércio e a indústria local, trazendo desenvolvimento social e econômico à cidade, reduzindo a migração das

---

<sup>1</sup> *Commoditie* – significa mercadoria, é utilizado nas transações comerciais de produtos de origem primária nas bolsas de mercadorias.

pessoas da zona rural para a zona urbana, com isso, diminuindo a pobreza e ampliando o desenvolvimento local. O que deixou a cidade numa posição de destaque na região baiana por sua vertiginosa evolução no setor agrícola.

Segundo dados do IBGE (2009), Barra do Choça, a estimativa média de colheita no município gira entre 250 e 350 mil sacas anuais. São cerca de 27,6 mil toneladas de café em coco produzidas no município a cada ano, há uma significativa movimentação de recursos no comércio local durante a safra. Isso contribui significativamente para que diversos segmentos da economia que tenham, nos meses de colheita, a sua mais importante fase de vendas.

### **Problema**

O setor cafeeiro do Município de Barra do Choça - BA possui características de uma atividade que pode impulsionar o crescimento local?

### **Hipótese**

A cafeicultura é uma atividade base do município de Barra do Choça, uma vez que ela gera renda e emprego a população do campo, e impulsiona o crescimento econômico local.

### **Objetivo Geral**

O objetivo geral desse estudo é analisar a cafeicultura como atividade impulsionadora do crescimento econômico e social do município de Barra do Choça – BA.

### **Objetivos específicos**

- Mostrar o crescimento da produção de café no município
- Identificar os setores da economia que são impulsionados pela cafeicultura.

- Comparar a quantidade dos empregos gerados pela cafeicultura com o dos outros setores.

## REFERENCIAL TEORICO

### 1. Teoria da base de exportação

Até a década de 1960, a agricultura não se mostrava apta a promover o crescimento do país, não exercia uma posição de destaque para tanto, sendo percebida apenas como um setor cujo próprio desenvolvimento exigia a participação direta dos demais setores. Até então, boa parte dos investimentos financeiros à época, eram canalizados apenas ao desenvolvimento do setor industrial, acarretando, assim, um crescente movimento migratório, em função da insuficiência do setor agrícola em promover a prosperidade de suas áreas rurais, o que acabava por ensejar um número crescente de mão-de-obra nas cidades e, por conseguinte, também um crescimento da população desempregada, gerando, desta forma, um contexto de marginalização social, como afirma Souza (2005, p. 200):

Até o início dos anos de 1960, a agricultura vinha sendo vista, por alguns economistas e formuladores de política econômica, como elemento passivo e dependente dos estímulos econômicos provenientes do setor urbano-industrial e do setor público. Defendia-se a discriminação total contra a agricultura, como meio de mobilizar recursos para a indústria. Essa visão inspirava-se na industrialização soviética dos anos de 1920 a 1930, que provocava o chamado *viés urbano*: enquanto os recursos fluíam para a indústria, ocorria intenso fluxo migratório, com o deslocamento da pobreza para as cidades. Souza (2005, p. 200)

A agricultura até a segunda metade do século XX era relegada à condição de setor menos atingido pelos recursos provenientes dos investimentos do governo. Contudo, a partir do final da década de 1960, um novo paradigma passou a se estabelecer, preconizando um equilíbrio, cujo ponto referencial básico consistia na integração entre os mercados agrícola e industrial, gerando, assim, um complexo agroindustrial.

Com isso, novos caminhos são traçados à economia brasileira, como afirma Guimarães (1982, p.149) “o complexo agroindustrial passa a ser responsável por mudanças profundas nas relações entre atividades econômicas de produção e

distribuição, notadamente nas relações entre a agricultura e os demais setores da economia”.

A influência do setor agrícola fora um dos mecanismos imprescindíveis ao desenvolvimento econômico, conforme Souza (2005, p. 201).

A partir do final dos anos de 1960, essa abordagem começou a mudar. Passou-se a defender um equilíbrio, via mercado, entre os setores agrícola e industrial. Nas décadas de 1970 e 1980, sobretudo, a ênfase recaía sobre a influência de estímulos autônomos, provenientes da agricultura, sobre o resto da economia. Os estudos e as políticas econômicas passaram a estimular, em última análise, o papel da agricultura no desenvolvimento econômico.

Desta forma, a agricultura, setor até então discriminado, passa a desempenhar uma função imprescindível para o desenvolvimento econômico, ensejando uma correlação positiva entre esta e os demais setores, ao passo que proporciona o progresso de vários seguimentos da economia.

A partir de 1990, a agricultura no Brasil passou a desempenhar um papel fundamental no processo de desenvolvimento e crescimento econômico do país. O crescimento dos setores urbano-industriais também influencia no desenvolvimento agrícola do país, ao demandar mão-de-obra, matérias-primas e alimentos do setor agrícola. É essencial, para que haja uma concordância entre o desenvolvimento de um país e a agricultura do mesmo, um processo satisfatório de exportação.

As exportações sempre foram fontes relevantes para o desenvolvimento econômico do país, mesmo assim o Brasil já passou por conflitos de política econômica relacionado à exportação e importação, mas especificamente na década de 1970, onde o governo tinha dúvida a respeito do seu programa político, ou seja, se mantinha o programa político orientado para as exportações, ou seria mais viável para o país voltar à atenção para o crescimento econômico através do setor de mercado interno.

O impacto das exportações de produtos nas regiões é visível, a entrada de recursos no país é grande, fazendo com que as políticas econômicas dêem destaque maior à exportação, como diz Polése (1998, p. 139) “Enquanto espaço aberto, a região sente necessariamente as influências externas, quer atrás da procura externa dos seus produtos quer de políticas econômicas dos governos de patamares superiores”.

A teoria da base de exportação é uma das primeiras teorias de crescimento regional, de acordo com Oliveira e Lima (2003, pag. 84), “ela considera as exportações como a principal força desencadeadora do processo de desenvolvimento. O crescimento nesta teoria

depende da dinamicidade das atividades econômicas básicas que, por sua vez, incentivam o desenvolvimento de atividades regionais”.

Desta feita, resta que a idéia principal da teoria da base de exportação consiste nas atividades básicas e não básicas desencadeadas em uma determinada região. Schwartzman (1973, p. 4) traz a tona aquele que parece ter sido um dos primeiros conceitos de base econômica, a saber, “As ocupações primárias são aquelas diretamente relacionadas com a função da cidade. As ocupações secundárias são aquelas relacionadas com a manutenção do bem estar das pessoas ligadas às atividades de natureza primária”. Assim, tem-se que as exportações propiciam o desenvolvimento das cidades.

De acordo com Marinho (1980, pag. 125) na teoria da base de exportação passa a existir atividades que são destinadas ao mercado exportador, e as que são, por sua vez, destinadas ao mercado interno, “Na teoria da base de exportação, as atividades econômicas de uma região se dividem entre as que são produzidas para o mercado exportador (atividades de exportação ou básicas) e as que são produzidas para o mercado interno (não básicas ou residenciais)”. (ANDREWS, apud SCHWARTZMAN, 1953, p. 5) também aborda sobre o tema e diz, “... as ocupações produtivas são divididas em “primárias”, cujo produto não é confinado ao uso dentro da cidade, e “auxiliares” que são destinadas direta ou indiretamente ao pessoal ocupado nas atividades primárias”.

Schwartzman, ao citar, Hartshorne (1936), permite uma análise prática da teoria da base de exportação, ao passo que possibilita uma melhor visualização da mesma, ao fornecer o seguinte exemplo:

No seu estudo, HARTSHORNE, propôs que para uma cidade de, por exemplo, 10.000 habitantes, seriam necessários 1.000 empregos (10%), para atender às necessidades locais, assim, os restantes dos empregos existentes poderiam ser pertencentes ao setor básico, produzido para atender á demanda externa (Hartshorne, 1936, pag. 278)

Compreende-se que o emprego total de uma cidade deriva, ou melhor, se compõe do emprego ligado às atividades básicas, que, em sua grande maioria, consiste em atividades ligadas ao setor de exportação, e do emprego ligado às atividades não básicas.

Seguindo essa linha, Tiebout (1956, p. 316) argumenta que:

As atividades econômicas de uma região se dividem entre as que produzem para o mercado exportador e as que produzem para o mercado local. [... Dadas as atividades básicas ou de exportação, segue-se o nível das atividades não básicas ou locais. A razão entre as atividades de

exportação e as atividades locais, medida em renda e empregos é, então usada como um multiplicador. Por exemplo, uma razão de um - para - um significaria que um aumento nas exportações causaria um aumento igual nas atividades locais. [...a renda da região está vinculada ao nível das exportações. Isso pode ser substancialmente correto para uma região pequena, mas trata-se de uma super-simplificação para regiões maiores.

Assim, o crescimento de uma região dependeria da sua base de exportação, que resultaria do crescimento da demanda pelo produto exportado, em razão de um aumento na área de mercado, além do melhoramento dos custos de processamento ou de transferências do produto de exportação da região em relação às regiões concorrentes.

Para tanto, é necessário, para se chegar a um desenvolvimento regional a partir da base de exportação, a conjuntura dos fatores citados acima que, quando devidamente processados, proporcionariam à região o devido desenvolvimento.

Deve a região se preocupar com a demanda externa, o que significa possuir o produto exportado, colocando-o no mercado a preços competitivos, levando-se em consideração os custos de produção e de processamento.

O preço com que a região terá de colocar o seu produto no mercado dependerá dos seus custos de produção: a) custos de transferência, ou seja, os custos incorridos para trazer os insumos necessários para o local de produção e os custos de levar o produto até o consumidor; b) custo de processamento, ligado a fabricação do produto e que depende do estágio de desenvolvimento da região, estágio este que definirá o nível tecnológico para a produção, especialmente a produção capital/trabalho. (MARINHO, 1980).

O segundo, por sua vez, estaria relacionado à capacidade da região de interiorizar e difundir os benefícios de sua base de exportação. Desta forma, torna-se imprescindível que o produto de exportação impulse os demais setores econômicos da região. Se o produto de exportação estiver apenas desenvolvendo-se sem atingir outros setores da economia, não se está diante de um verdadeiro processo de desenvolvimento. É necessário que outras atividades produtivas surjam que a distribuição de renda atinja o maior número de pessoas e que, eventualmente, apareçam outras “base” de exportação. (MARINHO, 1980).

No tocante ao dinamismo da base de exportação, este depende de fatores externos e internos, como a elasticidade-renda da procura, que consiste na procura do produto e na rentabilidade conseguida com a mesma, aqui, o produto há de possuir uma elasticidade-renda alta, almejando assim um aumento crescente de suas vendas. Outro fator diz respeito à capacidade de reduzir o custo de produção

de exportação, que se dá através da melhoria da rede de transporte e de produtividade, é este o entendimento de Tiebout, exposto a seguir:

Dada a sua população, fronteiras, rede de transporte e custos, mercados e dotação de fatores, uma região deve procurar dividir suas energias entre as atividades locais e de exportação. Se dedica muito pouco à uma ou à outra atividade, a economia não estará maximizando sua renda “per capita”. Supostamente, existe alguma divisão ótima. Se as atividades de exportação forem relativamente muito grandes, será interessante transferir recursos para indústrias locais...e a renda da região aumentará. (TIEBOUT, p. 322).

Desta forma, o desenvolvimento regional só se verificará se a região dinamizar e propagar sua base de exportação. Brum, Trennepohl, Tybusch (2008, p. 7), também comentam a questão da base econômica de uma região, que está estritamente ligada ao mercado externo, e que é fator preponderante para o desenvolvimento econômico e social da mesma.

... desde o início de seu desenvolvimento sob a lógica do capital, as regiões procuram estabelecer sua base econômica no contexto de seu relacionamento com o mercado externo. A base de exportação contribui decisivamente para o aumento da renda global ou per capita da região, possibilitando o acesso mais amplo aos bens de consumo importados, mas o seu efeito mais importante está relacionado ao desenvolvimento de atividades correlatas (Brum, Trennepohl, Tybusch, 2008, p. 7)

No que diz respeito à determinação das atividades da base econômica de uma região, é necessário que as atividades de base sejam divididas, Polése (1998), afirma que em relação ao tamanho do setor de base, este “depende da dimensão da região: um pequeno território mono-industrial exportará a quase totalidade da sua produção, enquanto que a exportação apenas tem um peso limitado à escala de um continente.”

Novamente Polése diz (1998, p. 140):

Torna-se muitas vezes necessário recorrer a inquéritos aos agentes econômicos (empresas, famílias) para determinar as exportações regionais. Não existe nenhum hábito de fazer uma contabilidade detalhada para as trocas inter-regionais, o que não é mais o reflexo da ausência de fronteiras econômicas, os inquéritos, para serem exaustivos, terão de inventariar todas as actividades que fazem entrar dinheiro na região. A noção de atividade de base não se limita às indústrias “visíveis” de exportação, estendendo-se a todas as actividades que, de uma maneira ou de outra, tragam fundos para região. Por outras palavras, trata-se de construir a lista das rubricas positivas na balança de pagamentos da região.

Em conclusão, segue o quanto disposto acerca do tema por Tiebout (1956) ao comentar a questão:

Esse comentário tentou mostrar que o conceito de base de exportação é, simplesmente, um aspecto de uma teoria geral da determinação da renda regional a curto prazo. No caso de grandes regiões, outras variáveis podem desempenhar um papel tão importante quanto às exportações. Além disso, o conceito de base de exportação pode ser útil para descrever o crescimento da renda regional, mas não deve ser considerado o mesmo problema que o do desenvolvimento econômico geral. Como fator explicativo do crescimento regional, a idéia da base de exportação não deve subordinar o papel chave das atividades locais na determinação dos custos de fatores de possíveis exportações regionais. Finalmente, uma vez que uma região deve otimizar o uso dos fatores entre os produtos locais e de exportação, um declínio na atividade de exportação pode até mesmo ser acompanhado por um aumento da renda regional.

## **2. Agricultura e tecnologia**

O processo de desenvolvimento da agricultura no país se deu lentamente, os produtos até então exportados para outros países eram poucos, os recursos tecnológicos eram escassos, além da estrutura fundiária, caracterizada pela enorme concentração de terras. O setor agrícola, quando comparado com o setor industrial, evidenciava uma disparidade entre ambos os setores. Daí o êxodo rural, da ineficiência do setor agrícola em absorver as necessidades do trabalhador rural.

A pobreza do meio rural é tanto maior quanto mais concentrada for à estrutura de posse da terra e piores as dotações de recursos naturais. No início do processo de desenvolvimento, em geral, a base exportadora agrícola é instável e concentrada em um ou dois produtos. Embora a indústria seja incipiente e atrasada, ela ainda se distancia substancialmente da agricultura em termos tecnológicos. Forma-se, desse modo, um sistema econômico dual, caracterizado pela indústria relativamente moderna e pela agricultura atrasada, pré-capitalista. Nessa fase, a função principal da agricultura é transferir mão-de-obra barata para a indústria em crescimento. A população das zonas rurais excede as possibilidades de emprego da força de trabalho, dadas as estruturas de oferta e demanda de alimentos e matérias primas agrícolas, embora existam terras ociosas (SOUZA, 2005, p. 204, 205).

O processo de modernização da agricultura no Brasil tem origem na década de 1950 com as importações de meios de produção mais avançados. No entanto, é só na década de 1960 que esse processo é concretizado, com a implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura. Com o advento do segundo Governo Vargas, surge os primeiros passos para a modernização da agricultura nacional, caracterizada pela intervenção estatal, afim de não mais promover importações de produtos primários, com o intuito de favorecer o desenvolvimento do setor rural no país. Não obstante a isso, é na

década de 1960 que ocorrem implementos significativos para a desenvoltura do setor no país, como afirma Alberto Júnior (2005, p. 10):

A modernização da agricultura no Brasil surge com parte da política de substituição de importações, plano do segundo Governo Vargas. Mas é na década de 60 que se solidifica a indústria de bens de produção para agricultura – tratores, implementos, fertilizantes e defensivos –, e a expansão das agroindústrias processadoras que provocaram profundas transformações na base técnica da agricultura.

Outra questão envolvendo a modernização e reestruturação do campo no Brasil tem relação com a formação do chamado Complexo Agroindustrial. A Agroindústria se constituiu devido à modernização da agricultura, passou a ser o maior acelerador desse processo.

A relação entre a agricultura e a indústria se intensificou, sendo que um setor passou a depender cada vez mais do outro. A formação do Complexo Agroindustrial se dá a partir dessa maior relação entre a indústria e a agricultura no país, segundo Müller (1989, p.45):

O complexo agroindustrial, CAI, pode ser definido, em termos formais, como um conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais. Atividades tais como: a geração destes produtos, seu beneficiamento/transformação e a produção de bens de capital e de insumos industriais para as atividades agrícolas; ainda: a coleta, a armazenagem, o transporte, a distribuição dos produtos industriais e agrícolas; e ainda mais: o financiamento, a pesquisa e a tecnologia e a assistência técnica (Müller, 1989, p.45).

A partir da década de 1990, investimentos mais sólidos em novas tecnologias passaram a incidir sobre o setor agrícola. Novamente Alberto Júnior (2005):

(...) é possível identificar dois tipos de inovações tecnológicas aplicáveis à agricultura: - Inovações em tecnologia mecânica (economizadora de mão-de-obra) – contribui para o aumento da produtividade do trabalho; - Inovações em tecnologia química e biológica (economizadora de terra) – geralmente acarreta um aumento do rendimento da terra pelo aumento da fertilidade do solo através de sistemas de conservação mais intensivos em mão-de-obra, por exemplo (Alberto Júnior (2005).

O desenvolvimento tecnológico deu um novo direcionamento às atividades produtivas do país. A industrialização se expandiu rapidamente e passou a exigir uma reestruturação do campo, visto ser fonte de matéria-prima. Esse processo contínuo de industrialização das áreas rurais trouxe desenvolvimento ao setor agrícola.

Assim sendo, não é difícil aferir que a atividade agrícola tem embutido níveis tecnológicos. Demonstrando, com isso, o sucesso da pesquisa agrícola, que

decorreu do desenvolvimento de inovações a partir das necessidades do setor, respondendo a perguntas específicas e buscando o aumento da renda do segmento como um todo, além de todo o maquinário empregado, que facilita, por sua vez, todo o trabalho desprendido.

### 3. Agricultura e crescimento econômico

A agricultura sempre teve, de acordo com o entendimento exposto abaixo, na história do crescimento econômico nacional, um papel não de destaque, mas secundário em relação ao crescimento econômico, contribuindo muito pouco para o desenvolvimento nacional,

Alguns autores viam a agricultura como um setor irrelevante para o crescimento econômico, Sarris (2001, p. 7), ao comentar o assunto, expõe o pensamento de uma série de escritores que relegavam à agricultura uma condição mediata em relação ao crescimento do país, porquanto submissa ao setor industrial:

Os primeiros escritores que estudaram o desenvolvimento, tais como Rosenstein-Rodan (1943), Lewis (1954), Hirschman (1958), Jorgenson (1961), Fei e Ranis (1961), consideravam a agricultura somente como reservatório e fonte de mão de obra abundante e de produto e superávit financeiro transferíveis. O papel da agricultura era visto como ancilar à estratégia principal de crescimento, que era a industrialização acelerada.

Por outro lado, por outro lado, autores como Kuznets (1980, pag. 46) já via a agricultura de outra forma, com capacidade de crescer e ajudar no desenvolvimento sócio-econômico, ainda mais depois que a indústria e a agricultura passaram atuar conjuntamente:

(...) numa estratégia de desenvolvimento bem sucedida, o progresso tecnológico deve apoiar tanto a industrialização quanto a produtividade agrícola. A base dessa posição é a observação de que a mudança estilizada do emprego, da agricultura para a indústria, é consequência de mudanças tecnológicas verificadas tanto na agricultura quanto na indústria. A revolução havida na produtividade agrícola.

Segundo Kuznets (1980, p. 48), é uma base indispensável do crescimento econômico moderno. Kalecki (1971, p. 220) defendeu visão semelhante, baseando sua posição na idéia de que:

O crescimento equilibrado tanto em bens salariais quanto em bens de capital constitui a base do crescimento sustentável a longo prazo. Uma vez que a agricultura é o principal setor que produz alimentos, o bem salarial chave numa economia em desenvolvimento, o desenvolvimento agrícola é

essencial para uma estratégia de industrialização bem sucedida para países em desenvolvimento.

Sarris (2001, p. 7,8) evidencia pensamentos que concebem a agricultura papel essencial ao crescimento econômico. North (1959, p. 333, 334) também em manifestação contrária ao pensamento majoritário defendido à época, salienta que: (...) uma produção bem sucedida de bens agrícolas (ou mesmo, de muitos produtos extrativos) destinados a venda fora da região pode ser, e sob certas condições tem sido, o principal fator de indução do crescimento econômico, do desenvolvimento de economias externas, da urbanização e, eventualmente, do desenvolvimento industrial.

North (1959, p. 334), em conclusão, esboça a seguinte assertiva:

Não se trata de uma questão de agricultura versus industrialização, mas sim, giram em torno da capacidade da região de se integrar nos grandes mercados mundiais, através das exportações e da resultante estrutura da economia regional, que influenciara sua capacidade para alcançar o crescimento sustentado e um padrão diversificado de atividade econômica.

A partir das décadas de 1970 e 1980 a agricultura tem sido imprescindível à viabilização de um processo de desenvolvimento, porquanto tem proporcionado aos demais setores, mais precisamente o urbano/industrial, o consumo de bens indispensáveis. A agricultura assume, nessas condições, posição fundamental para o crescimento econômico no país.

À medida que as atividades urbanas vão-se tornando complexas, dinamizando o circuito empresas-famílias-mercado urbano, e que as firmas exportadoras vão exercendo efeitos multiplicadores sobre o setor de mercado interno, o setor urbano/industrial de mão-de-obra, matérias-primas e alimentos do setor agrícola. Essa função da agricultura no processo de desenvolvimento demonstra a existência de uma falsa dicotomia entre desenvolvimento agrícola e desenvolvimento industrial. Observa-se, pelo contrário, que existem interdependências muito fortes entre os dois setores, que se intensificam à medida que as estruturas regionais vão-se diversificando. Essas interdependências indicam que a industrialização não se efetua de modo independente da agricultura. Mesmo atividades novas, de tecnologia avançada, como a informática, estão exercendo suas ramificações ao setor agrícola. Em termo de desenvolvimento, a sociedade estria a quem do ótimo se negligenciasse as interdependências entre o setor agrícola e o setor industrial (SOUZA, 2005, p. 211).

#### **4. Produção do café e desenvolvimento**

A introdução da cultura cafeeira no Brasil aconteceu em meados do século XVIII. O café foi o primeiro produto de exportação controlado principalmente por brasileiros, possibilitando o acúmulo de capitais no país. Logo, tornou-se o produto

mais cultivado no país, assumido posição de destaque nas exportações, passando a ser o principal produto de exportação, fato que elevou o país, à época, a condição de maior produtor mundial. João, Salguero e Jesus (2009, p. 8):

A história do café no Brasil iniciou-se no século XVIII com mudas do Coffea Arábica trazidas da Guiana Francesa. A exportação brasileira do café começou a crescer a partir de 1816, sendo que entre 1830 e 1840 o produto assumiu a liderança das exportações do país, com mais de 40% do total em valor exportado. Em 1840 o Brasil tornou-se o maior produtor mundial de café, posição mantida até os dias de hoje.

Já em épocas passadas, a participação do café no desenvolvimento nacional, a despeito da crise de 1929, ensejada nos EUA, e que ocasionou a queda do preço do produto no mercado internacional, fora imprescindível para o crescimento do país. A expansão da cultura cafeeira, ao longo do século XIX, período que ficou conhecido como “ciclo do café ou áureo”, atraiu os melhores recursos econômicos existentes à época. Com o advento da Abolição, houve a implantação do trabalho de imigrantes, erradicando, por conseguinte, um dos entraves à expansão da agricultura cafeeira no país. Novamente com João, Salguero e Jesus (2009, p. 7):

O chamado ciclo áureo do café durou até 1930 quando o crack da bolsa de Nova York forçou a queda no preço internacional do café, fato que durou até 1947, quando os preços voltaram aos níveis de 1928. O chamado ciclo do café teve repercussões econômicas importantes para o Brasil, que teve ampliação das vias férreas em São Paulo, a modernização dos portos do Rio de Janeiro e de Santos e a chegada da mão de obra imigrante.

Segundo Bragança (2003, p. 12), além de suporte necessário à concentração de riquezas no país durante décadas, promoveu também a inserção de mudanças políticas e sociais:

A partir de meados do século XIX, a lavoura de café concentrou toda a riqueza do país durante mais de 70 anos. A importância desta cultura para o Brasil é inquestionável. Sua influência foi não apenas econômica, mas também social e política. Os mais importantes fatos políticos do país originaram-se a partir desta lavoura. Os fazendeiros de café foram, por muitos anos, a elite social brasileira (*Bragança, 2003, p. 12, 13*)

O café ainda constitui um dos produtos primários de maior comercialização no mundo, sendo de extrema importância para a economia e política de muitos países em desenvolvimento, o que demonstra a importância da atividade cafeeira no processo de estruturação das economias dos países produtores. O Brasil, por sua vez, deveria tratar atentamente de um produto como esse, que tantos benefícios os trouxe. A valorização tem que partir do próprio governo brasileiro, através de

subsídios e melhorias de trabalho para, que o desenvolvimento econômico e crescimento se tornem mais intenso.

## **5. A cafeicultura e os impactos econômicos**

A cafeicultura brasileira passou por significativas mudanças, como a modernização do setor, a partir da década 1970. A modernização trouxe um considerável aumento na produção do café, não somente regional, mas também nacional, por intermédio de fatores vários, como a geração de emprego e de renda, primeiro porque sempre há mão-de-obra abundante e disposta a trabalhar nas lavouras de café, segundo porque o setor admite mão-de-obra com baixa escolaridade para os tratamentos culturais exigidos pela lavoura cafeeira.

Aliado a este grande número de trabalhadores, há ainda a incidência de agricultores familiares, responsáveis por uma parcela considerável da renda movimentada no país e pela maior geração de renda e trabalho nas regiões cafeeiras.

No tocante as exportações do café e sua relação com outras atividades locais, como fator gerador de emprego e renda, segue o pensamento de Tiebout (1985, p. 142):

A razão entre as atividades de exportação e as atividades locais, medida em renda e empregos é, então usada como um multiplicador.. Não se afirmou se essa função é ou não constante em todos os níveis de renda. Não existi nenhuma razão "a priori" para acreditar que seja. Isso pode ser substancialmente correto para uma região pequena, mas trata-se de uma super-simplificação para regiões maiores. Uma teoria geral da determinação da renda ao nível nacional se apóia num conhecimento do nível e da estabilidade das variáveis autônomas e dependentes. Esses são os ingredientes necessários de um modelo econométrico de previsão da renda (Tiebout,1985, p. 142):

Esta realidade demonstra que o café é uma atividade de diversificação importante em uma determinada região, que, para o incremento do desenvolvimento local, deve possuir maiores e melhores investimentos, seja através de melhoria nas técnicas de produção, seja através de incentivos financeiros no setor, desde a infraestrutura junto aos produtores rurais, qualquer que seja a sua natureza, agricultura familiar, parceria, ou até mesmo cooperativas, passando pela genética, até o equacionamento mais adequado dos custos de produção, principalmente quando se constata que a região é de fato uma forte produtora de café.

## **DELINEAMENTO DA PESQUISA**

A pesquisa é um estudo de caso, caracterizado pela preponderância da compreensão dos fatos do que na sua mensuração, investigando determinado fenômeno dentro do seu contexto real (LAZZARINI, 1997), ou seja, “um método de olhar a realidade social” (GOODE; HATT, 1968, p. 421), indicado para pesquisas que têm como problema responder a questões de como e por que as coisas acontecem, e também descrever e interpretar o que aconteceu em situação específica (GODOY, 2006).

O levantamento e caracterização do problema abordado foi resultado de uma pesquisa exploratória, em função de sua natureza, uma vez que a questão da pesquisa é saber se a cafeicultura está ajudando na expansão da economia da cidade de Barra do Choça, alavancando seu desenvolvimento local. Pesquisa exploratória proporciona ao pesquisador, segundo Vieira (2002), uma maior familiaridade com problema em estudo. É um trabalho que objetiva tornar o problema da pesquisa menos complexo e mais explícito.

Giovinazzo (2006) coloca que nas pesquisas qualitativas o pesquisador procura o entendimento e a compreensão dos fenômenos que por ele vão sendo identificados. O pesquisador consegue a partir deste processo de compreensão situar-se e assim produzir uma melhor interpretação dos fenômenos e das transformações que está estudando. A pesquisa foi qualitativa, por sua abordagem do problema, tendo como nível de análise a cadeia produtiva do café e seus segmentos em Barra.

### **População e amostra**

Com o objetivo de propiciar maior exploração da teoria, buscando novos dados até que esses comesçassem a se repetir, o que talvez não fosse alcançado por meio de outro tipo de amostra, probabilística ou não probabilística.

A pesquisa foi com uma abordagem não probabilística, em que foi entrevistado o secretário municipal de agricultura, e apresentado um questionário a 8 produtores de café e alguns comerciantes da cidade.

### **Coleta de dados**

Os dados primários foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, pelas quais é possível obter uma idéia melhor do que o entrevistado pensa (LAVILLE; DIONNE, 1999), com perguntas visando estimular os entrevistados a emitir suas opiniões e visões (CRESWELL, 2007) e observação junto às unidades de análise, nos diferentes segmentos da cadeia produtiva, colocando o pesquisador no ambiente onde as ações organizacionais ocorrem.

O roteiro das entrevistas semi-estruturada (Apêndice A) foi desenvolvido de acordo com os dados necessários, ajustado para obter as informações necessárias, de forma a identificar as estratégias, conteúdos estratégicos, resultados e recursos, consoante as categorias analíticas do estudo. Os dados obtidos pela observação direta na cidade e nos locais de comercialização foram registrados, organizados e analisados para complementar os dados primários. Também foram coletados dados secundários obtidos por meio de documentos, que se apresentaram pertinentes à pesquisa, junto a algumas entidades, como a Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento rural de Barra, Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), Centro de Inteligência do Café (CIC), produtores e comerciantes da cidade, através de entrevistas formais e informais, questionários e observação, uma vez que se pode identificar os prós e contras do desenvolvimento da lavoura cafeeira e seu impacto na economia dessa cidade.

## RESULTADOS

De acordo com a pesquisa feita na prefeitura, a economia de Barra do Choça ainda é centrada na lavoura cafeeira, que responde a 83% da atividade econômica do município e da ocupação da mão-de-obra, uma vez que a oferta e a demanda da *commodity* são grandes.

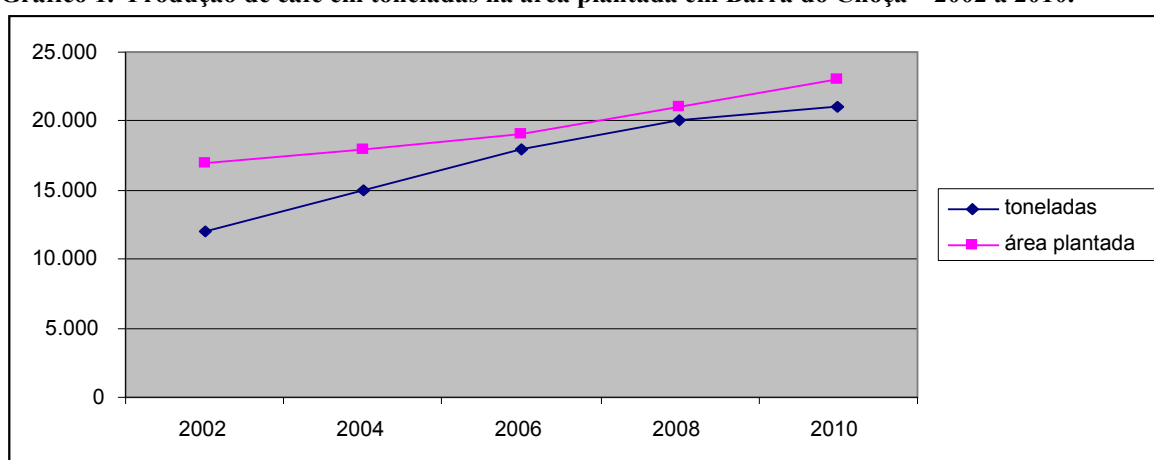
Com base no IPEA (2010), o município de Barra do Choça - BA teve a implantação da lavoura cafeeira articulada desde à conjuntura política e econômica pela qual passava o país na época do chamado “milagre econômico brasileiro”, na década de 70, até esse momento, a cidade tinha como atividades econômicas predominantes a pecuária e a agricultura do feijão, milho e mandioca que atendiam as necessidades básicas da população, sendo que o excedente era comercializado nas localidades próximas.

Como o Brasil havia enorme interesse em aumentar as exportações de café, a fim de gerar divisas para ter condições iguais à quitação da dívida externa que crescia rapidamente. Com esse intuito, em 1975, o Instituto Brasileiro do Café (IBC) pesquisou as condições naturais da região nordestina e as análises de solo, da topografia, dos índices pluviométricos e da altitude indicavam um ótimo potencial para o desenvolvimento da cafeicultura nessa área.

Mesmo com os incentivos federais, condições climáticas favoráveis, qualidade fértil da terra, o município pouco fez pela cafeicultura e tardou a perceber a importância que o produto poderia ter à população, o parque cafeeiro de Barra do Choça só veio aumentar seu volume de produção na década de 2000, segundo dados do IBGE, em 2010, a área plantada chegou a 23.260 hectares de plantio, produzindo 21.124 toneladas do grão, uma vez que no ano de 2002 a cidade produzira um pouco mais de 10.000 toneladas de café. Em 2002, a capacidade produtiva do grão estava aquém do que poderia ser produzido na área de plantio, aumentando a produção em cerca de 40% em 2006, com a quantidade de hectares pouco alterada, e já com uma área maior chega a quase 100% de produção de café

em 2010 em comparação com 2002, mas aquele foi o ano de menor crescimento da *commodity*, de 2008 para 2010, aumentou somente 5% do plantio.

**Gráfico 1. Produção de café em toneladas na área plantada em Barra do Choça – 2002 a 2010.**



Fonte: IPEA (2010)

Em 1997 foi criada a Secretaria Municipal de Agricultura e Expansão Econômica (SMA), com intuito de implementar ações voltadas para o desenvolvimento de novas atividades produtivas além do café, diversificando a economia local, fixando o homem no campo e gerando emprego e renda. Mesmo assim observou-se que não teve um início satisfatório para os pequenos produtores e trabalhadores rurais.

Segundo o secretário de agricultura do município de Barra do Choça - BA, a partir de 2002, a principal tarefa da SMA passou a ser a busca de parcerias e a execução de projetos, que permitissem o desenvolvimento dos pequenos cafeicultores. Através da articulação com os governos Estadual e Federal, fortes parcerias foram firmadas, apresentando, como resultado, a instalação do Posto Avançado da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA). A partir daí, a EBDA passou a prestar assistência técnica e elaborar projetos para financiamento, visando o revigoramento das lavouras existentes e plantio de novas áreas. Através

do Banco do Nordeste, uma instituição federal, os agricultores passaram a ter acesso ao crédito para modernização e ampliação da cafeicultura.

A partir destas e de outras ações, houve uma redução no êxodo rural, com inversão do ciclo migratório, um processo de diversificação na produção agrícola. Diversificação esta que também contribui de forma direta, para fixação do homem no campo e geração de emprego e renda, configurando um novo perfil econômico do município. De acordo com o IBGE (2010) as principais atividades econômicas do município, além da cafeicultura, são:

- Culturas anuais: feijão e milho 4.000 hectares.
- Fruticultura: banana 1.500 hectares.
- Bovinocultura leiteira: 11.000 cabeças; usina coletiva com capacidade para o processamento de 5.000 litros de leite por dia.
- Apicultura: 50 toneladas de mel por ano, com 2.000 colméias.
- Floricultura: Associação de produtores (Barra Flora com 60 associados), com área cultivada de 15.000 metros quadrados (10.000 m<sup>2</sup> de estufa e 5.000 m<sup>2</sup> ao ar livre).
- Agroindústria: atualmente existem em Barra do Choça: 01 usina de leite, 01 fábrica de iogurte, 01 fábrica de pimenta, 01 associação de torrefadores de café e uma fábrica de refrigerantes. A partir de 1997 um grande número de associações vem sendo criado em Barra do Choça, gerando desenvolvimento econômico e melhorando as condições de vida da população. Atualmente já são mais de 26 associações, das quais 20 são de produtores rurais, congregando cerca de 1.000 famílias. O município é hoje uma referência no estado em relação ao associativismo.

Com relação aos aspectos comerciais, de acordo com o SEBRAE (1997), o município de Barra do Choça foram cadastradas 435 unidades, das quais 41 são do setor industrial, 122 empresas do setor comercial, cabendo ao setor de prestação de serviços a hegemonia na comunidade empresarial, com 272 unidades.

No setor industrial, deve-se destacar a presença de unidades empresariais nos seguintes segmentos: produtos alimentícios (17), olaria (13) e carpintaria/marcenaria (07). No comércio, os ramos de açougue (17), cereais (13), materiais de construção/tintas (07), mercearia/supermercado (44), materiais elétrico-eletrônicos (07), respondem por 72,1 % das unidades do setor. Na prestação de

serviços, ressalta-se a importância dos ramos de bar e lanchonete (196), oficina de bicicletas (13), salão de beleza (25), que representam 86 % do conjunto empresarial do setor.

Com base na pesquisa, percebeu-se que com o café, em alta na cidade baiana de Barra do Choça, acarretou um dinamismo de sua economia, uma vez que investimentos privados aliado aos investimentos públicos nos diversos setores do município contribuíram para que a mesma alcançasse mudanças significativas no seu desenvolvimento socioeconômico, como a melhoria no comércio local, uma vez que a própria cidade passou a atender a demanda da população por produtos que até então não tinha. Isso permitiu à Barra do Choça receber no ano de 2003, segundo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o título de município com melhor distribuição de renda do país, tendo a educação como fator decisivo nessa transformação.

De acordo com os produtores, os equipamentos, que antes eram comprados todos fora da cidade e alguns do Estado, agora tem um novo contexto, a partir 2004, 10% dos equipamentos utilizados na produção do café é comprado em Barra, os outros 90% é na região sudoeste da Bahia. Com os insumos o caso é bem parecido, 30% já são encontrados no município e 70% na região sudoeste, um grande passo no desenvolvimento socioeconômico, uma vez que o dinheiro começa a permanecer na cidade e ser investido na própria.

Resultados da Secretaria Municipal de Agricultura em 2010, mostram que as vantagens que o produtor de Barra do Choça - BA encontra na cidade com a expansão do café e crescimento da economia são:

- A infra-estrutura de serviços é mais avançada, vantagem mediana para o produtor, o mesmo fica para a disponibilidade de mão-de-obra na região;
- O custo da mão-de-obra é vantajoso para o produtor, uma vez que a mão-de-obra é barata;
- Com o incentivo cada vez maior por parte do governo em agricultura e principalmente na cafeicultura, com programas de assistência e financiamento, o produtor de Barra teve ganhos consideráveis na hora de plantar;

- A proximidade da cidade com centro de pesquisas e universidades foi um dos melhores benefícios que os produtores de Barra tiveram, pois elevaram a qualidade do produto com seus trabalhos;
- A proximidade com fornecedores e consumidores colocou o município em situação privilegiada em relação a outros municípios da região e;
- A localização geográfica de Vitória da Conquista outro fator que contribui para o desenvolvimento da cafeicultura em Barra do Choça.
- As vendas hoje não enfrentam nenhuma dificuldade
- As dificuldades em produzir um café com qualidade foi há muito deixado para trás, hoje é dos melhores do país.

Com relação às dificuldades enfrentadas na operação da produção de café pelo produtor rural de Barra do Choça, ainda segundo a Secretaria Municipal de Agricultura, existem muitas barreiras que ainda travam um maior crescimento da cultura cafeeira na cidade, foram identificar as seguintes desvantagens:

- Contratar profissionais qualificados ainda é um dos maiores problemas dos produtores.
- O custo e a dificuldade de viabilização de capital de giro ainda são os grandes problemas para os produtores.
- Custo e capital para compra de equipamentos e máquinas são dificuldades que ainda existem, mas bem menor que em outros tempos.
- Localização, acesso ou custo de matéria-prima e insumos e pagamentos de juros de empréstimos são dificuldades muito pequenas hoje para os produtores de Barra, mesmo assim perduram no município.
- A infra-estrutura física disponível ainda é pequena, pois ainda há pouco investimento;
- A qualidade de serviço da mão-de-obra está abaixo das expectativas, a falta de treinamentos e instruções afeta o serviço;

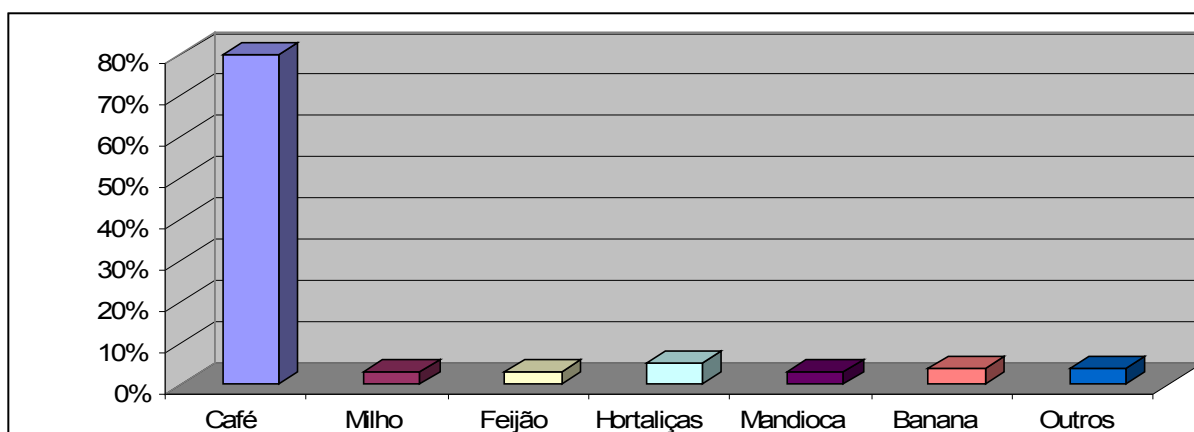
No entanto, apesar dos avanços alcançados nos últimos 8 anos, ainda se encontra no município uma realidade socioeconômica desfavorável para uma parcela considerável da sua população. Isso se verifica, a partir de análises sobre a atividade cafeeira que gera trabalho em apenas cinco meses por ano (período de

colheita). Durante a entressafra, ocorre a redução drástica na oferta de trabalho, levando a um aumento nos índices de miserabilidade junto a essa população. Isso tem exigido da Administração Municipal a busca permanente por alternativas que possam minimizar as demandas sociais do município, principalmente em relação ao trabalho e a habitação.

A atividade agropecuária se fortaleceu na região, tendo como carro-chefe a cafeicultura, com expressivo índice entre os demais produtos, somando um total de 83 %, são 800.000 mil sacas anualmente produzidas, e dessa quantia 60% é exportada para outros países. De acordo com o secretário, mesmo com todo crescimento da cidade e ampliação do plantio em termos de terra e produção, Barra do Choça tem percas com a exportação, pois os ganhos maiores são dos exportadores, que não investem esses ganhos na cidade, ficando a cargo somente do produtor.

Em segundo plano vêm às demais culturas, com pouquíssima representatividade, sendo 5,2% de hortaliças, 2,1% de mandioca, 2,2% de banana, 1,8% de milho, 4,0% de outros produtos e, apenas 1,7 % de feijão, que é produto básico na mesa do trabalhador rural. A pecuária também voltou a crescer na região de Barra. A pecuária está em segundo lugar no rol da cadeia produtiva entre as atividades econômicas desenvolvidas.

**Gráfico 2. Atividades agrícolas em Barra do Choça - 2009**

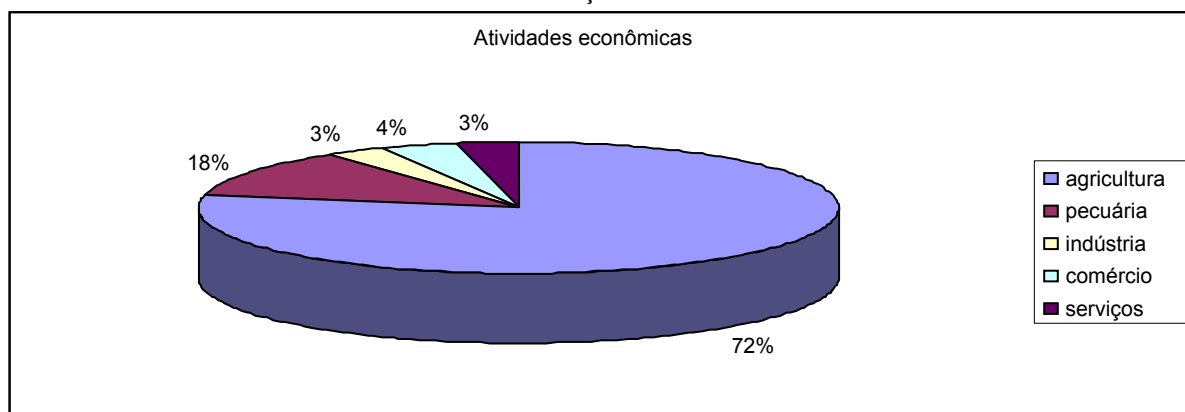


Fonte: IBGE - 2009

Este valor de quase 80% de produção do café é bastante expressivo, fator que demonstra a força que a monocultura tem desenvolvido na região. O impacto da plantação de café foi enorme à economia da cidade, pois gerou muita renda e riqueza, com abertura de emprego, demanda da população por produtos e serviços que ainda não tinham em Barra do Choça, que promoveu o crescimento da indústria, comércio e serviço na mesma. O que trouxe melhora na qualidade de vida da população e do trabalhador rural, mas isso com ressalvas, uma vez que isso só ocorria com a alta ou permanência dos preços do café.

A agricultura representa 72 % das atividades econômicas desenvolvidas, destacando aí, o café, que, como já visto é o carro-chefe no rol dos produtos produzidos. Ao passo que a pecuária sozinha representa um índice de 18 %. E, em último lugar, as atividades ligadas ao setor da indústria, comércio e serviços, com uma representatividade de 10 %.

**Gráfico 3. Atividades econômicas em Barra do Choça – BA. 2010**



Fonte: IBGE - 2010

O PIB (produto interno bruto) de Barra do Choça conseqüentemente cresceu nos últimos 8 anos, em 2002 o PIB era de 129. 872 milhões, dados do IBGE mostram que em 2010 o PIB chegou ao valor 263.331 milhões de reais de tudo que foi produzido e comercializado, um aumento de 51% de 2002 a 2010.

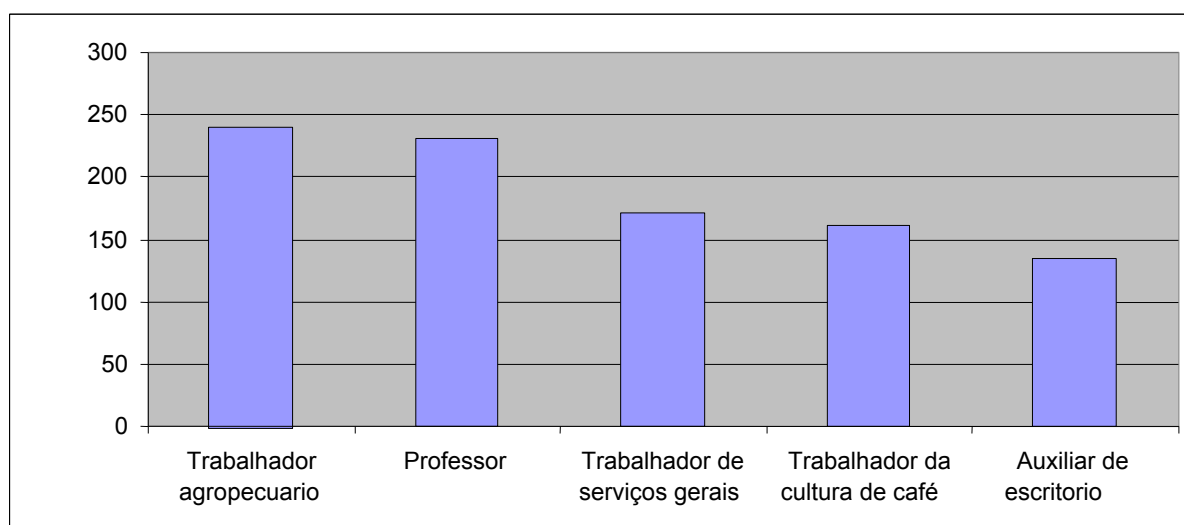
Com relação ao crescimento populacional em Barra do Choça, a partir do ano 2002, período no qual a área colhida com café aumentou, o município registrou 132% de crescimento populacional.

Outro fator visualizado foi à colaboração da proximidade com Vitória da Conquista (27km). Que em 1975 já contava com mais de 170 mil habitantes e uma infra-estrutura urbana já de destaque para região bem como a existência de uma malha viária, representada pelas BRS 116 e 415, capazes de escoarem a produção.

Outro fator importante, aliado aos fatores físicos e de infra-estrutura urbana e viária em Vitória da Conquista, havia na região uma mão-de-obra abundante e disposta a trabalhar nas lavouras de café, que, com condições oferecidas tanto pelo governo federal e municipal, muitos retornaram para o campo e deram início as atividades cafeeiras.

De acordo o Ministério do Trabalho e Emprego, observa-se no gráfico 4 que em 2010, trabalhadores agropecuários gerais, passam até mesmo os professores do ensino fundamental, com relação à formalidade dos empregos com maiores estoques no município de Barra do Choça, mas quando se trata de trabalhadores da cultura do café, os números ficam a frente apenas dos auxiliares de escritório, em geral. Mostrando que mesmo que importantes para o desenvolvimento de Barra do Choça, trabalhadores de café, sofrem com a informalidade. Números evidenciados na Tabela 1 de empregos formais de Barra do Choça no ano de 2010.

**Gráfico 4: Empregos formais no município de Barra do Choça -2010**



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

De acordo com dados do RAIS e MTE (2010), numa abordagem generalizada, o número de empregos formais na agropecuária em Barra do Choça chega a um total de 745, entre homens e mulheres, números maiores que o da indústria e do comércio, com 48 e 253 empregos formais, respectivamente, ficando atrás apenas do setor público, que emprega 776 funcionários, reflexo do domínio dos principais setores de boa parte das cidades pequenas e interioranas. Mas no tocante às atividades específicas, mesmo sendo uma das atividades econômicas mais desenvolvidas em Barra do Choça, a cafeicultura ainda deixa a desejar quando

diz respeito a formalidade da mão-de-obra empregada. Segundo dados do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) (2010), o número de empregos formais na cafeicultura chega somente a 171 trabalhadores, o que impressiona, pois o café é uma das maiores culturas da cidade, ficando atrás de outras atividades agropecuárias, que chega a empregar cerca 242 trabalhadores, e dos professores, que tem cerca de 241 em atividade em Barra.

**Tabela 1: Número de empregos formais em Barra do Choça –BA - 2010**

<b>NÚMERO DE EMPREGOS FORMAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2010</b>	
<b>Indicadores</b>	<b>Total</b>
<b>Total das Atividades</b>	<b>1.976</b>
Extrativa Mineral	0
Indústria de Transformação	48
Serviços Industriais de Utilidade Pública	0
Construção Civil	61
Comércio	253
Serviços	93
Administração Pública	776
Agropecuária	745
<b>Idade de 16 a 24 anos</b>	<b>209</b>
<b>Ocupações com maiores estoques</b>	<b>Total</b>
Trabalhador agropecuário em geral	242
Professor da educação de jovens e adultos do ensino fundamental (primeira a quarta série)	241
Trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas	173
Trabalhador da cultura de café	171
Auxiliar de escritório, em geral	135

Fonte:RAIS/2010 - MTE

No que diz respeito à remuneração do trabalho, ocorre o inverso, a agropecuária paga o pior salário entre as atividades produtivas da cidade, R\$ 573,12, a administração pública oferece o maior salário, R\$ 1.053,92. Quem trabalha nas lavouras de café tem um dos menores salários da cidade em comparação com outras atividades, até mesmo do setor agropecuário, recebendo menos de um salário mínimo, R\$ 527,32, dados relatados na tabela 2 de remuneração média de empregos formais.

Se a cidade de Barra do Choça – BA, possui a referência de ser uma cidade produtora de café, por quê não se pagar melhor? Os trabalhadores da área de café possuem as piores médias apresentadas pelo Ministério do Trabalho e do Emprego dentre as ocupações com maiores estoques, ficando atrás até mesmo dos trabalhadores da área da agropecuária em geral, ganhando R\$ 13,14 a menos, e como foi dito, com relação à dependência do setor público, os mesmos trabalhadores cafeeiros, ficam R\$ 93,87, ou seja, quase R\$ 100,00 atrás do trabalhadores do setor público, na área de limpeza de áreas públicas, quase 18% a menos. Mostrando o destrato com trabalhadores responsáveis por alavancar a economia do município de Barra do Choça – BA.

**Tabela 2: Remuneração média de empregos formais**

**REMUNERAÇÃO MÉDIA DE EMPREGOS FORMAIS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2010**

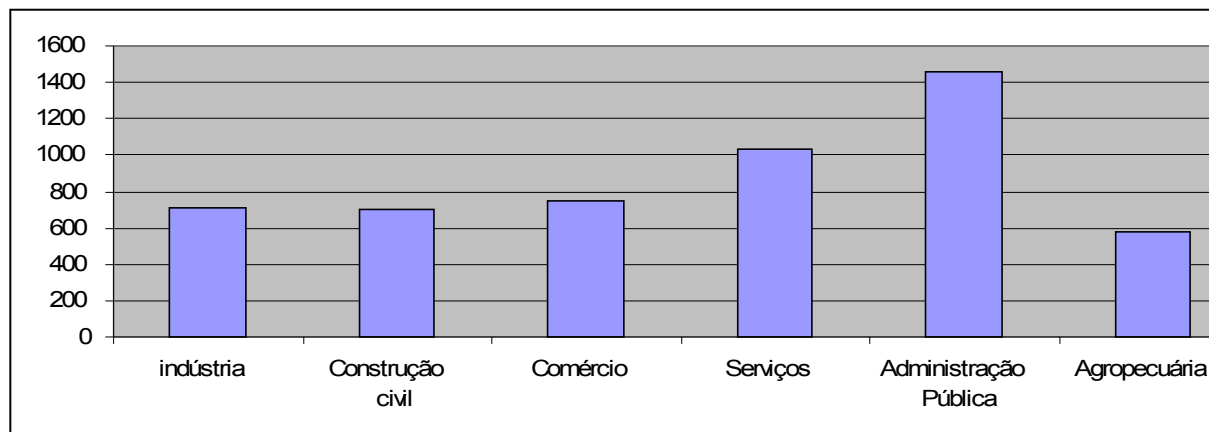
<b>Indicadores</b>	<b>Total</b>
<b>Total das Atividades</b>	<b>990,58</b>
Extrativa Mineral	0,00
Indústria de Transformação	678,75
Serviços Industriais de Utilidade Pública	0,00
Construção Civil	704,62
Comércio	723,70
Serviços	1.053,92
Administração Pública	1.506,28
Agropecuária	573,12
<b>Idade de 16 a 24 anos</b>	<b>599,85</b>
<b>Ocupações com maiores estoques</b>	<b>Total</b>
Trabalhador agropecuário em geral	540,46
Professor da educação de jovens e adultos do ensino fundamental (primeira a quarta série)	2.221,64
Trabalhador de serviços de limpeza e conservação de áreas públicas	621,19
Trabalhador da cultura de café	527,32
Auxiliar de escritório, em geral	1.194,85

Fonte: RAIS/2010 - MTE

Os dados com relação à remuneração de empregos formais no município de Barra do Choça - BA, também pode ser visto de forma geral, ou seja, relativos ao total das atividades, no Gráfico 5, a seguir, mostrando a predominância da

Administração Pública, setor com a melhor média, em segundo aparecem o setor de serviços, seguido pelo comércio. A agropecuária está em último lugar, ficando atrás também do setor industrial e de construção civil. Mostrando a falta de valorização com o setor que mais contribui para o crescimento econômico desse município, juntamente com a cafeicultura, que por sinal deveriam ser os com melhores remunerações.

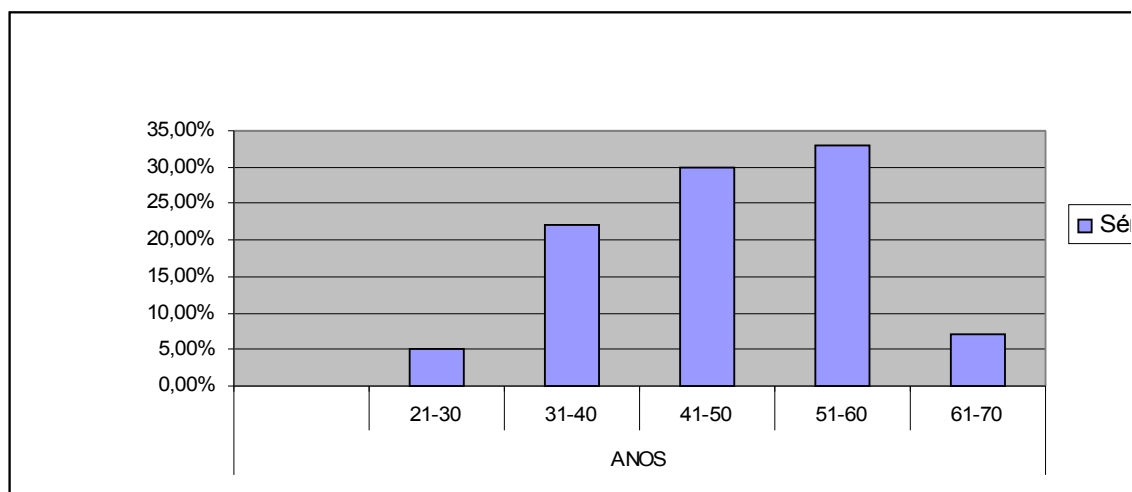
**Gráfico 5. Remuneração média de empregos formais em Barra do Choça - 2010**



Fonte: MTE - 2010

Com relação à faixa etária dos cafeicultores de Barra do Choça percebeu-se a partir dos estudos que as maiores porcentagens são entre 41-50 anos(30,8%) e entre 51-60 anos (33%).

**Gráfico 6. Faixa etária dos cafeicultores de Barra do Choça – 2009.**



Fonte: Pesquisa com secretário de agricultura de Barra do choça. – 2010

Com relação à terra de plantio do café e sua posse, na pesquisa observou-se que 94,8% dos produtores de café entrevistados eram proprietários da terra, 2,6% cultivavam a terra sob a forma de parceria e 2,6% eram assentados.

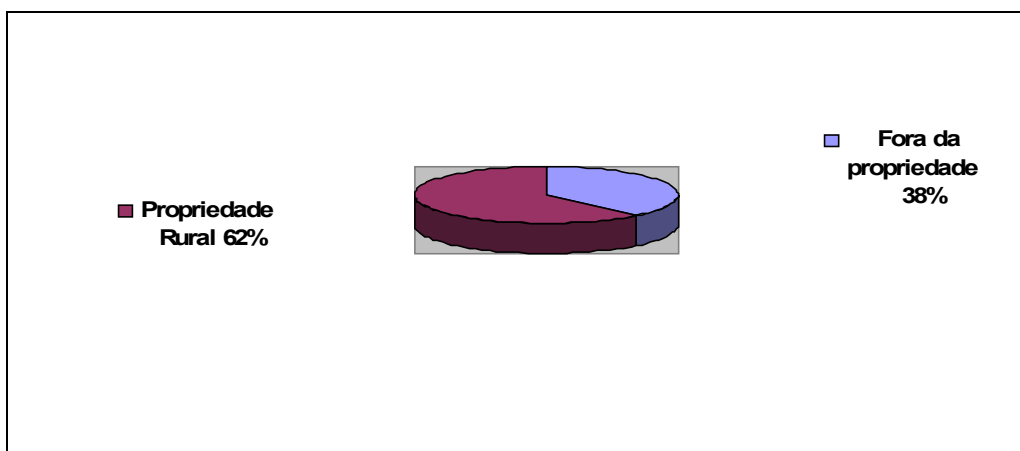
**Tabela 3. Distribuição da frequência de proprietários de terra, parceiros e assentados, entre cafeicultores de Barra do Choça, Bahia. Vitória da Conquista – BA, 2009.**

<b>Município</b>	<b><u>Proprietário</u></b>	<b><u>Parceiro</u></b>	<b><u>Assentado</u></b>
<b>Barra do Choça</b>	<b>94,8%</b>	<b>2,6%</b>	<b>2,6%</b>

Esta estrutura de posse da terra foi pouco alterada na última década, pois, segundo IBGE, 2009, 97,8 % dos produtores rurais eram proprietários de suas terras. Portanto, de modo geral, a atividade agrícola estava dimensionada para a mão-de-obra, essencialmente, familiar e para o pequeno tamanho das propriedades, não havendo problemas de escassez de terras que justificassem alternativas de ocupação/produção como assentamentos ou parcerias.

Segundo os resultados obtidos, Barra do Choça possui uma estrutura fundiária constituída, principalmente, por pequenos cafeicultores, que residem dentro das propriedades rurais, isto é, 62% do total.

**Gráfico 7. Local de residência dos cafeicultores no município de Barra do Choça – Bahia. 2010.**



Fonte: Pesquisa de campo -2010

A cultura do café representa a principal fonte de renda das propriedades, a mão de obra é basicamente familiar – com exceção da época da colheita - possuem baixa escolaridade, conduzem manualmente sua lavoura, sendo mínima a mecanização.

Com base nas informações de pequenos produtores, a cafeicultura também teve pontos negativos para população de Barra do Choça, a pesquisa revela que em sua maioria, são camponeses, que detém poucas áreas de terras, e, sobrevivem entre os grandes e médios produtores de café, oferecendo sua mão-de-obra na cafeicultura, e também desenvolvendo o trabalho familiar, cumprindo os dois papéis, no sentido de manter a sobrevivência. Além disso, os cafeicultores da região são pouco organizados em cooperativas e, por isso, não conseguem obter melhores resultados econômicos no momento da comercialização, entregando sua produção para atravessadores.

Isso demonstra o enfraquecimento econômico de Barra do Choça, visto que a maior parte da população é composta de pequenos proprietários e lavradores, os quais sobrevivem do trabalho na cafeicultura, de modo especial, no período da safra, quando a oferta do emprego é muito maior.

Há uma disparidade muito grande na geração de emprego na cafeicultura em Barra do Choça, no período da safra do café, a população absorvida no trabalho chega 90,5 %. Ao passo que na entressafra, é absorvida apenas 20%, segundo pesquisa de campo. O que acarreta oscilações na economia e no PIB do município.

Isto, porque o trabalho se restringe apenas à limpa e a adubação do cafezal, que nas grandes lavouras, geralmente é realizada com máquinas e tratores, reduzindo ainda mais a oferta de trabalho.

Outra análise feita é a de que, muitos trabalhadores não residem no município, eles chegam apenas no período da safra, vindos de outras localidades próximas e de cidades vizinhas. Mas a grande maioria reside no município e fica ociosa nos meses da entressafra, pois a oferta do trabalho diminui de forma abrupta, como é demonstrado. Mesmo considerando as condições de trabalho que a população enfrenta, essa atividade é considerada importante na região, pois consegue contornar a situação durante um bom período do ano.

Investimentos e programas de incentivo ao processo de plantio do café foram feitos, segundo informações concedidas pelo secretário, o montante dos investimentos aplicados no município, principalmente pelo Banco do Nordeste, já soma o equivalente a R\$ 15.678.000,00. Deste montante, a maior parte é destinada aos pequenos agricultores que se organizam em associações. Atualmente, existem 18 associações agrícolas, destas, 12 se encontram devidamente organizadas com inscrição e CNPJ, outras estão em fase de organização.

Todavia, vários associados já se encontram na inadimplência com o Banco do Nordeste e/ou Banco do Brasil, tendo em vista a política de juros altos do governo brasileiro.

## **CONCLUSÃO**

Por fim percebe-se que a produção de café em Barra do Choça que não cresceu satisfatoriamente para o produtor como para a cidades, que promovesse mudanças significativas no município. A cidade deu um salto grande na produção, uma vez que produzia 10.000 toneladas de café em pouco mais de 15.000 hectares de terra em 2002, chegando em 2010 com uma produção de mais de 23.000 toneladas em 22.000 hectares. Mas as possibilidades de melhoria para os pequenos produtores foram poucas, programas de financiamento e investimento são pouco trabalhados, o êxodo rural diminuiu, trouxe qualidade na produção, mas não o suficiente para o produtor ter ganhos mais satisfatórios na própria terra.

O município de Barra do Choça é eminentemente agrícola, e, como tal, deveria ter uma atenção maior por conta dos governos, com políticas públicas mais

adequadas para atender com mais eficácia aos pequenos agricultores, de modo especial, aqueles cujas raízes ainda estão assentadas com características camponesas, devendo sustentá-los e mantê-los no campo.

A pobreza e a falta de emprego assolavam a região, que não possuía nenhuma tradição agropecuária, industrial e comercial. A cafeicultura surgiu trazendo uma alternativa na geração de emprego e renda, e, concomitantemente, provocou uma mudança espacial na zona rural que se estendeu à zona urbana, reduzindo o êxodo rural, trazendo de volta o agricultor para as lavouras.

A prova de que mesmo sendo uma cidade forte no ramo cafeeiro, Barra do Choça sofre com o problema da maioria das pequenas cidades brasileiras, que é a dependência do setor público, deixando a comunidade submissa a políticos, que visam esta situação com o objetivo de garantir votos para si.

O ideal seria o incentivo para a produção do café, no caso de Barra do Choça, proporcionando o avanço do município..

Somente 10,2% das propriedades apresentam seus empregados registrados, chegando ao número de 171 trabalhadores com carteira assinada, os quais têm garantido seus direitos como cidadãos, especialmente os direitos trabalhistas, ainda são poucos para uma cultura tão grande na cidade, mas é a quarta atividade com o maior número de empregados registrados, ficando atrás apenas dos trabalhadores rurais em geral, dos professores e dos servidores públicos. Esse passa a ser um dos maiores problemas nas relações de trabalho no Município, pois muitas das propriedades não estão cumprindo a Lei trabalhista, e levarão no futuro grandes problemas na área social, principalmente pela falta de garantia aos trabalhadores da aposentadoria. É importante observar também os pequenos proprietários quanto a essa questão da previdência social, pois estes estão representados por 62,2% que trabalham com a mão-de-obra familiar nas propriedades e, com certeza, terão os mesmos problemas dos empregados sem registro.

Cabe ressaltar que como a presença da mão-de-obra familiar é relevante nas pequenas propriedades, das mesmas utilizam desse trabalho para conduzir as lavouras, o que demonstra ainda ser esta uma das principais características da pequena produção familiar, dentre outros. Outro impacto importante observado neste trabalho foi como a agricultura contribuiu para as mudanças dos pequenos produtores, pois estes passaram a inserir na cadeia produtiva, pois no passado, na década de 70 e 80, esses pequenos produtores estavam como empregados rurais,

hoje eles estão participando juntamente com seus familiares no processo produtivo de forma organizada. Talvez esta tenha sido a maior transformação ocorrida na área produtiva do município.

Um ponto a ser considerado são os lucros do café, o governo municipal deve promover algumas políticas para que a cidade tenha ganhos maiores na exportação do café, uma vez que a fatia maior fica com os intermediários que vendem a *commoditie* para as grandes empresas.

## REFERENCIAL BIBLIOGRAFICO

BRUM, Luis A., TRENNEPHOL, Dílson, TYBUSH, Tânia M., **Proposição de estratégias de desenvolvimento ligadas ao agronegócio para Corede Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul.** Ijuí – RS. 2008

CENTRO DE INTELIGÊNCIA DO CAFÉ (CIC). **Banco de dados.** Disponível em <<http://www.cicbr.org.br>>. Acesso em: 26/04/2010

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DUTRA NETO, C. **Café e Desenvolvimento Sustentável.** Vitória da Conquista, Ba: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), 2004.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI C. K; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (orgs). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:** paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, p. 115-146, 2006.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social.** São Paulo: Nacional, 1968.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **O complexo agroindustrial como etapa e via de desenvolvimento da agricultura**. Revista de Economia Política, São Paulo. 1982

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo econômico de 2007, Barra do Choça – BA**. - indústria, comércio e serviços. Rio de Janeiro, 1991.

JUNIOR, Alberto. **MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO BRASIL**. 2005. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/modernizacao-da-agricultura-no-brasil/11445/>. Acesso em : 20 de Agosto de 2011

KUZNETS, S. **Economic Change**. New York: W. W. Norton. (1971)

KALECKY, Michal. (1968) **The Difference between Crucial Economic Problems of Developed and Underdeveloped NonSocialist Economies**. In Essays on Planning and Economic Development. Warsaw (Trad. port. **A Diferença entre os Problemas Cruciais das Economias Capitalistas Desenvolvidas e Subdesenvolvidas**. In Crescimento e Ciclos das Economias Capitalistas. São Paulo: HUCITEC, 1971.

LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAZZARINI, S. G. **Estudos de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e limitações do modelo**. In: FARINA, E. (coord.) **Estudos de caso em agribusiness: focalizando as seguintes empresas: Moinho Pacífico, Illycaffè, Cocamar, Sadia, lochpe-Maxion, Norpac**. São Paulo: Pioneira, p. 9-23, 1997.

MARINHO, Pedro Lopes. **Exportação de cacau, crescimento e desenvolvimento no sul da Bahia**. Uesc. 1980, p. 4.

MARTINS, Eliseu, DE LUCA, Márcia M. **Ecologia via contabilidade**. Revista Brasileira de Contabilidade. Brasília - DF: ano 23, nº 86, p.20-29, mar.1994.

MÜLLER, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. São Paulo: Hucitec, 1989.

NORTH, C. Douglass. **Teoria da localização e crescimento econômico regional. Economia regional: textos escolhidos**. (org) Jacques Schwartzman.

OBSERVATÓRIO SOCIAL. **Café: Vida, produção e trabalho. Agricultores familiares e assalariados rurais**. Disponível em: [www.observatoriosocial.org.br/download/cafe\\_maio2004BX.pdf](http://www.observatoriosocial.org.br/download/cafe_maio2004BX.pdf). Acesso em: 7 agosto de 2011.

OLIVEIRA, G. B. de, LIMA, J. E. de S. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável**. Rev. FAE, v.6, n.2, p.29-37.

POLESE, Mario. **Economia urbana e regional : Lógica espacial das transações econômicas**. Portugal: APDR. 1998.

SARRIS, A. **O papel da agricultura no desenvolvimento econômico e na diminuição da pobreza: uma base empírica e conceitual**. NEAD. (2001)

SECRETARIA DE AGRICULTURA, IRRIGAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Coordenação do Programa Café. **Diagnóstico da cafeicultura baiana 2000**. Salvador: SEAGRI, 2010.

SUPERINTENDÊNCIA DE AGRICULTURA FAMILIAR. **Produção (t) e área colhida (ha) de café por território de identidade**. SEAGRI/SUAF: Salvador, 2007. Disponível em: [http://www.seagri.ba.gov.br/PDF\\_SUAF/Municipios%20prod%20area%20cafe.pdf](http://www.seagri.ba.gov.br/PDF_SUAF/Municipios%20prod%20area%20cafe.pdf) Acessado em: 02/04/2010.

SALGUERO, Justiniano. BELMIRO, N. João; JESUS, Marco Antônio de. **Globalização e internacionalização de empresas: análise do Modelo do Duplo Diamante para o Setor Exportador do Café no Brasil e na Colômbia**. 2009. Disponível em: [www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/602.pdf](http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/602.pdf). Acesso em 10 de junho de 2010.

SCHWARTZMAN, J.. A teoria da base de exportação e o desenvolvimento regional in: Haddad, P.R (ed) **Desequilíbrios Regionais e Descentralização Industrial**, Rio de Janeiro, IPEA/IPLAN. 1975.

SORJ, Bernardo. **Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo, Atlas, 2005.

TIEBOUT, Charles M. **Exports and regional economic growth**. Journal de Political Economy. Estados Unidos. 1956. (org) Jacques Schwartzman.

## APÊNDICE

### Entrevista – Secretaria Municipal de agricultura

A Entrevista faz parte de uma pesquisa do curso de Economia, com o objetivo de adquirir informações para desenvolvimento da pesquisa. As informações aqui obtidas serão de uso apenas acadêmico.

1. Quando Barra do Choça deu início a implementação da lavoura de café?

---

2. Qual o impacto dessa cultura na economia na cidade?

---

3. O café é o produto principal da economia de Barra, ou ainda há outros produtos de destaque?

---

4. Quais fatores ajudaram no crescimento do plantio do café na cidade?

---

5. Existia mão -de -obra suficiente para a atividade?

---

6. O café influenciou no crescimento populacional econômico de Barra do Choça?

---

- 
7. Quais investimentos e programas são foram e são feitos pelos governos federal, estadual e municipal para dar suporte ao produtor de café?
- 

### Questionário

Qual o percentual dos equipamentos que se origina a partir das localizações abaixo assinaladas?

No município de Barra do Choça	_____ %
Na região do sudoeste da Bahia	_____ %
Em outro município do estado da Bahia	_____ %
Em outro lugar do Brasil	_____ %
Fora do Brasil	_____ %
Total	100%

Indique a origem das principais matérias-primas utilizadas, destacando a distribuição percentual.

No município de Barra do Choça	_____ %
Na região do sudoeste da Bahia	_____ %
Em outro município do estado da Bahia	_____ %
Em outro lugar do Brasil	_____ %
Fora do Brasil	_____ %
Total	100%

Identifique as vantagens da localização do produtor na cidade de Barra do Choça. Favor indicar a vantagem utilizando a escala, onde 0 é nula, 1 é baixa vantagem, 2 é média vantagem e 3 é alta vantagem.

<b>Principais vantagens</b>				
Infra-estrutura física disponível	(0)	(1)	(2)	(3)
Infra-estrutura de serviços disponível	(0)	(1)	(2)	(3)
Disponibilidade de mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Qualidade de mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Custo da mão-de-obra	(0)	(1)	(2)	(3)
Existência de programas governamentais	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidades com universidades e centro de pesquisa	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidades com fornecedores	(0)	(1)	(2)	(3)
Proximidade com o mercado consumidor	(0)	(1)	(2)	(3)
Localização geográfica de Vitória da Conquista em relação a outras cidades	(0)	(1)	(2)	(3)
Outros. Citar:	(0)	(1)	(2)	(3)

Identifique as principais *dificuldades* na operação da produção de café em Barra do Choça. Favor indicar a dificuldade utilizando a escala, onde 0 é nula, 1 é baixa dificuldade, 2 é média dificuldade e 3 é alta dificuldade.

<b>Principais dificuldades</b>				
Contratar profissionais qualificados	(0)	(1)	(2)	(3)
Produzir com qualidade	(0)	(1)	(2)	(3)
Vender a produção	(0)	(1)	(2)	(3)
Custo ou falta de capital de giro	(0)	(1)	(2)	(3)
Custo ou falta de capital para aquisição de máquinas e equipamentos	(0)	(1)	(2)	(3)
Custo ou falta de capital para aquisição/locação de instalação	(0)	(1)	(2)	(3)
Localização inadequada	(0)	(1)	(2)	(3)
Acesso ou custo de matéria-prima e insumos	(0)	(1)	(2)	(3)
Pagamentos de juros de empréstimos	(0)	(1)	(2)	(3)
Outros. Citar:	(0)	(1)	(2)	(3)